

" O BIBLIOTECÁRIO "

Como bibliotecário, ele tinha certeza de que a história não era apenas uma fonte viva de fatos que se entrelaçavam pelas circunstâncias, mas uma ciência apurada onde o futuro da humanidade poderia ser traçado com um máximo de acuidade possível. Assim, como bibliotecário que era, estudou a fundo seus ciclos e seus acontecimentos, gastando graus de visão em noites debruçadas sobre os livros.

A descoberta que fez foi por acaso. Um dia, enquanto esperava a panela de café forte - que o mantinha acordado após as horas normais de expediente - soltar o costumeiro apito que indicava a temperatura esperada, ele começou a perceber que determinados fatos históricos se repetiam com uma semelhança quase assustadora. Ora uma revolução que abortava antes da época, um místico que colocava o mundo em guerra, preponderância de mesmas economias, idolatria dos mesmos fenômenos, enfim, a história nada mais era que um sistema repetitivo, previsível e nada além de matemático. Os fatos não evoluíam, descobriu o bibliotecário. A imaginação do homem não conseguia nada além de viver de novo uma mesma cena criada na aurora do homem.

Alguém já descobrira isto, pensou o bibliotecário ao sentir que sua idéia não soava nem um pouco original. Foi até a estante do local onde trabalhava - e onde esquentava o seu café - procurou em vão alguns títulos, mas nada encontrou que pudesse descobrir a origem inconsciente do seu pensamento.

De volta a mesa de trabalho, começou a deixar seus olhos vagarem por entre as páginas que se repetiam, os acontecimentos que voltavam sempre, o eterno déjà vu da civilização, quando sua mente, traidora de seus princípios, começou a traçar relações que fizeram o bibliotecário ficar paralizado de medo. Os fatos se repetiam com inter-

valos de tempo cada vez menor. E as múltiplas todas da história pareciam servir a um mesmo carro, carregar a um mesmo fim. O mesmo tipo de revolução popular, cujo primeiro intervalo entre si fora de quase duzentos anos, começava a acontecer de 100 em cem anos, depois de 50 em 50, e agora de 25 em vinte cinco. O tempo ia se reduzindo pela metade. O mesmo se aplicava a determinada forma de guerra, determinada forma de poder, determinada forma de filosofia.

O bibliotecário parou e olhou sua descoberta. Ela não podia ser vista num papel, mas nos desenhos de sua mente. Acendeu um cigarro depois do café, e com um lápis e uma régua de cálculo começou a desenhar a mudança de ciclos. Começou a entender que o tempo entre os eventos ia se reduzindo pela metade, pela metade da metade, pela metade da metade da metade. Assim, pensou o bibliotecário, eu posso calcular a data em que os eventos se repetirão no mesmo dia, em que a história passará a girar dentro de si mesma num círculo louco. E tomando arbitrariamente um dos eventos históricos - escolheu a repetição de um conjunto musical de 4 pessoas que mudavam o panorama mundial e depois se dispersavam (só na década em que o bibliotecário vivia este fenómeno já tinha acontecido duas vezes) e passou a dividir o tempo pela metade, chegando enfim ao dia em que os conjuntos musicais de quatro pessoas passariam a se reunir, interferir na opinião mundial e se dispensarem continuamente. Chegando a esta data, escolheu outro evento: as revoluções em que o povo tomava provisoriamente o poder, para depois cede-lo a burocratas esclarecidos. Dividindo a tempo de intervalo, chegou ao mesmo dia em que o conjunto musical iria entrar num ciclo continuo. E assim, tomando vários fenómenos ao acaso, dividia o espaço de tempo que separava os fenómenos, e - para sua surpresa - as datas convergiram àquele dia.

O bibliotecário, então, chegou sem esforço à conclusão que já lhe aguardava aquela noite. Aquela era a data do fim do mundo, onde presente, futuro e passado se misturariam, e o tempo deixaria de existir.

Tomou mais um gole de seu café. E não contou aquela data a ninguém, com medo de que as pessoas gozassem suas conclusões, mas principalmente com medo de perder o emprego quando as pessoas descobrissem que já não havia mais necessidade de livros e bibliotecários num mundo matemático.

bolada em 29/2/80

escrita em 2/3/80